

ENTREVISTA COM MILITANTE DAS ORGANIZAÇÕES DOS INDÍGENAS CIDADINOS DE ALTAMIRA-PA

Mayra Pascuet

Essa entrevista foi gravada em 18 de junho de 2012 por Mayra Pascuet, cedida por militante da podes instituições indígenas cidadinas que pede para não ser identificada por conta de sua ampla mobilização nos diversos cenários de atuação indígena

Militante: Vou falar um pouco do que eu acho, hoje, da Associação AIMA [Associação das Indústrias Madeireiras de Altamira], como ela está hoje, as conquistas dela.

Há anos atrás, com muita luta nossa, povos indígenas junto com outras lideranças e algumas famílias indígenas que moram na cidade.

Entrevistador: Você fez parte desse movimento desde o começo ou você entrou na AIMA um pouco depois?

M: Entrei um pouco depois, logo que a Elza Xipaya iniciou a AIMA.

E: Onde você morava?

M: Passei por algumas Terras Indígenas antes de vir para Altamira. Na época, sob a liderança da Elza e algumas famílias indígenas, fazendo algumas comemorações indígenas, fizemos reivindicações em prol da nossa comunidade. Tivemos algumas conquistas, e uma delas foi tirar a AIMA do papel, porque ela já existia, mas só de nome.

E: Quando as pessoas conheciam vocês e se envolviam, elas falavam que eram índias daqui da cidade ou ainda tinha certa timidez?

M: Eles eram tímidos, sim. Nem todas as famílias que moram aqui na cidade se identificavam como indígenas. Só após essa bomba drástica de Belo Monte, em prol desse Emergencial, que muitas famílias vieram se identificar como indígenas pra ter um pouco de benefícios.

Nós temos que raciocinar bem e entender que Belo Monte não é benefício. Belo Monte é uma obra, e sua construção vai trazer coisas boas e ruins também. Para nós, povos indígenas, a maioria vai ser ruim. Mas hoje está difícil de dizer um não.

As Associações vêm trabalhando hoje com o Emergencial, mas eu acho que os Presidentes das Associações deveriam ter um diálogo mais aberto com as famílias, explicar direito como funcionam as coisas.

E: Você conheceu as lideranças das Associações antes desse processo de Belo Monte começar a acontecer, e agora, que tudo isso está acontecendo, no seu ponto de vista, o que mudou nessas pessoas?

M: Antes, não só quem era liderança, todos eram mais parceiros, mais amigos. Hoje, com a construção da hidrelétrica, as pessoas ficaram umas contra as outras, surgiu uma rivalidade entre elas, é um querendo se dar melhor que os outros. Eu acho que esse é o momento e a hora de nós nos unirmos e pensarmos todos de uma só maneira, pensar uns nos outros, porque assim nós teríamos mais forças, lideranças e famílias unidas em um só propósito. Sem esse monte de conversas paralelas, as pessoas falam e não explicam direito a realidade, fica tudo por meio termo.

E: Como, no seu ponto de vista, as lideranças são vistas hoje?

- M: As lideranças hoje são mal vistas, enfraqueceram suas forças, e as comunidades não acreditam mais nas lideranças. Eles podem chegar e falar unicamente a verdade que as comunidades não acreditam, porque são tantas conversas, promessas que não cumprem que as famílias não acreditam mais. E é como eu já havia falado: falta diálogo. Todas as etapas que vêm acontecendo têm que ser explicadas pras comunidades.
- E: Com essa história do Belo Monte, o índio citadino ganhou através desta história de luta, o seu espaço, tanto dentro da Funai, através da CTL,¹ como através da própria empresa que vai implantar a usina, que tem programas que já estão sendo implantados e outros que vão vir pra cuidar só da questão do índio citadino. O que você acha dessa história toda?
- M: A hidrelétrica tem lados ruins e bons, tanto pra nós indígenas quanto para toda a população. Eu quero que a hidrelétrica cumpra com as condicionantes que foram criadas e que fizesse garantir, porque hoje as famílias indígenas da cidade não têm uma certeza. Hoje o que a hidrelétrica está passando pras famílias está deixando ela sem credibilidade, porque nem tudo que foi dito e informado para os citadinos está acontecendo, está valendo. Eles estão atropelando as condicionantes, e não está dando mais pra acreditar neles, e mesmo assim a obra não para, tudo está acontecendo. E eu acredito que no ano que vem as coisas ficarão ainda mais difíceis. E quem vai garantir alguma coisa pra gente se todos estão perdendo a credibilidade?

1 CTL: Coordenação Técnica Local. Essa coordenação técnica é um dos braços da Funai local para auxiliar no desenvolvimento dos trabalhos das equipes nas aldeias. A CTL dos índios citadinos e ribeirinhos foi instaurada pela Funai-BR no final de 2010. É a única experiência no Brasil.

E: Agora, por exemplo, com esse cenário em que nós temos a CTL, os projetos que nós iremos acompanhar pra ver se realmente serão implementados... Mas a história é que o índio citadino e o ribeirinho estão na pauta das discussões, eles estão ganhando seu espaço, só que eles estão ainda muito desorganizados, aumentou muito o número da população. Qual é o desafio, por exemplo, pra Funai agora, porque vai chegar a hora em que a usina vai embora, e as famílias vão continuar aqui.

M: A Funai já tem uma coordenação local pros índios que moram na cidade e ribeirinhos, e isso já é o primeiro passo de uma conquista nossa. Agora é fazer valer, esperar que a Funai possa garantir esses povos, não só com palavras, mas que faça um trabalho mais amplo. Esse Emergencial vai acabar, e a coordenação vai ter que ter outros trabalhos pra poder executar com essas famílias.

Pelo que eu estou informada, a CTL vai trabalhar com a questão de cidadania. Eu gostaria que trabalhassem na da regularização fundiária de cada família que tem seu lote que precisa ser regularizado pra que eles possam ter um crédito rural, porque hoje o governo, os bancos estão aí pra oferecer a cada agricultor um crédito bancário, mas, pra isso, a sua terra tem que ser legalizada em papel, como a lei manda. Eu gostaria que a Funai, de início, ajudasse todas essas famílias na questão de cidadania, aposentadoria e regularização fundiária e, futuramente, a gente ver o que é mais viável pra ajudar essas famílias, o que a Funai pode fazer pra ajudar elas.

E: É bom fazer essa parceria, porque às vezes algumas famílias citadinas não sabem que existe este escritório, a CTL, não sabem que eles já têm um espaço...

M: Um espaço garantido que eles possam se reunir pra discutir uma informação de cada vez, com o apoio deles vai ser bem

melhor pra CTL. Depois a gente pega a informação de cada família e vamos discutir e decidir o que é melhor pra gente poder trabalhar com essas comunidades e famílias.

- E: Você também está em área que vai ser afetada pela usina, você é uma das famílias que provavelmente vai ter que ser realocada para outro local. Dentro dessa perspectiva, o que você pensa disso, você acha que vai piorar, que vai melhorar, que está ainda muito inseguro? Que sensação você tem sobre isso?
- M: Eu estou meio insegura porque até agora, no momento, a Norte Energia não apresentou as áreas para onde vão ser realocadas essas famílias. Eu não tenho segurança, certeza de que o lugar para onde eles vão me realocar vai ter toda a infraestrutura que hoje eu tenho aqui. Onde eu moro é perto de escola, hospital, supermercado, de todas as coisas que a gente usa. Até agora eu não estou segura porque falta mais informação da empresa sobre o local de realocação, se nesse local vai ter estrutura, transporte, vai ter escola, porque eu tenho filho e não quero que eles tenham que andar três, quatro quilômetros pra poder chegar na escola, porque o trânsito vai ficar muito perigoso também. E se não tiver toda essa infraestrutura nos locais de realocação vai ser muito ruim.
- E: Você acha que essa experiência que os cidadãos estão tendo aqui vai poder ser desenvolvida em outro município também?
- M: Esse espaço aqui da CTL é o único que foi criado no Brasil. Eu acho que vai ser uma briga muito grande pra que essas outras cidades possam obter. Eu não sei se outra localidade vai conseguir, visto que a CTL só foi criada aqui por causa de Belo Monte.
- E: E você acha isso bom ou ruim?

M: Foi bom porque foi criada pra atender essa demanda, porque antes a Funai não apoiava as famílias que moravam fora das Terras Indígenas.

E: Pra Funai isso deve ser muito complicado, não é?

M: Pra Funai é complicado sim, até pra ela poder executar, porque isso é novo, como eu acabei de falar. Até pra eles darem esse apoio aos cidadãos está sendo muito difícil, porque a Funai só trabalha com índio que mora em Terra Indígena. Mas nós temos um histórico por hoje estarmos aqui, aqui era uma Terra Indígena, nossos antepassados residiam aqui nessa localidade, aqui era o lugar deles.

Foi ótimo ter criado a CTL pra dar apoio e informação, e eu tenho certeza de que as pessoas que trabalham nela vão arregaçar as mangas pra fazer valer, porque não foi barato construir essa coordenação, foi com muita briga.

E: Aqui dentro tem várias CTLs, cada uma cuida de uma rota, de uma área. A CTL dos cidadãos é a única que possui indígenas na equipe. Então eu penso que é uma preocupação de futuro, quem irá assumir esta coordenação? Quem que vai ter a força, o sentimento, porque não se trata só de um trabalho...

M: É verdade. Eu penso que aqui é o local de conquista, é o local nosso. Isso é uma vitória para nós, índios, que moram na cidade. É a primeira coordenação e nós temos que valorizar porque é único, no Brasil inteiro não existe outra CTL dos cidadãos.

E: Esse trabalho que vocês estão lutando tanto pra manter, pra dar conta, porque é uma experiência nova. Eu penso que a Funai tem que ajudar muito neste processo para que fique bem-estruturada e bem-organizada, para garantir uma boa sucessão de coordenação.

M: Eu espero que continue e que as pessoas que no futuro estiverem na coordenação possam lutar pra que a CTL exista

pra sempre pra continuar ajudando os cidadãos e índios ribeirinhos e que essas futuras coordenações possam fazer um bom trabalho com essas famílias e que mantenham um diálogo com as mesmas, trabalhem junto com as famílias.

- E: E depois que acabar todo esse tsunami que é o Belo Monte, vocês vão continuar aqui, não é?
- M: Com certeza. Quando a hidrelétrica for construída, vai ter uma reviravolta em Altamira, e a gente vai ter que ter muita força e estrutura pra poder encarar todos esses desafios que nós vamos enfrentar. Principalmente porque haverá muitas famílias afetadas, e nós estaremos juntos com essas famílias pra que elas possam ter seus direitos garantidos e pra que essa empresa não possa atropelar os direitos delas, principalmente essas famílias ribeirinhas que já vivem lá há muito tempo, e se elas moram lá é porque elas gostam de lá, se não elas estariam aqui na cidade, por isso que a gente tem que estar juntos, conversar e entrando em acordo com essa empresa, explicar que essas famílias indígenas não estão lá por acaso, pra eles chegarem lá e dizerem que tem que fazer isso e amanhã as famílias já terem que sair. Não, vamos conversar primeiro: pra onde esse empreendimento vai realocar essas famílias e se o local é adequado para elas. Tem que ser uma conversa muito franca entre a Funai, as famílias indígenas e Belo Monte.
- E: No fim dessa história o que você acha, qual que vai ser o saldo? Você acha que, por exemplo, as famílias que vão ser realocadas vão ter uma cidade melhor pra viver? Você acha que as pessoas vão ter disposição pra se unir? O que você acha que vai acontecer?
- M: Eu mesma ainda não tenho uma resposta concreta pra poder informar. As coisas já estão se iniciando não muito boas, tem coisas sendo atropeladas, nem mesmo nós sabemos pra onde

vamos, não tem nenhum local que eles pudessem apresentar para nós, que já estivesse mais ou menos estruturado, se já tivesse tudo isso em andamento a gente ficava mais seguro, mas até agora nada, e Belo Monte está sendo construído, a ponte já está no meio do rio, uma ponte bonita lá, e as condicionantes, as estruturas que eles informaram que iam executar, nada. Fica difícil a gente dizer que vai ter um resultado positivo, está mais pra negativo. Essa é minha opinião.